



O Venerável
Servo de Deus **JOSEMARÍA**
ESCRIVÁ DE BALAGUER
Fundador do Opus Dei

VICE - POSTULAÇÃO DO OPUS DEI EM PORTUGAL. Campo Grande , 193. 1700 LISBOA

Este Boletim Informativo publica-se com aprovação eclesiástica da Sagrada
Congregação para as Causas dos Santos

BOLETIM INFORMATIVO Nº11 — LISBOA

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer nasceu em Barbastro (Espanha), a 9 de Janeiro de 1902. Foi ordenado sacerdote, em Saragoça, a 28 de Março de 1925.

No dia 2 de Outubro de 1928, em Madrid, fundou, por inspiração divina, o Opus Dei, que abriu aos fiéis um novo caminho de santificação no meio do mundo, através do exercício do trabalho profissional quotidiano e no cumprimento dos seus deveres pessoais, familiares e sociais, sendo assim fermento de intensa vida cristã em todos os ambientes. A 14 de Fevereiro de 1930, o Venerável Josemaría Escrivá entendeu, com a graça de Deus, que o Opus Dei devia desenvolver também o seu apostolado entre as mulheres; a 14 de Fevereiro de 1943 fundou a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, inseparavelmente unida ao Opus Dei. O Opus Dei foi definitivamente aprovado pela Santa Sé a 16 de Junho de 1950; e, a 28 de Novembro de 1982, foi erigido como Prelatura pessoal, a forma jurídica desejada e prevista pelo Venerável Josemaría Escrivá.

Com oração e penitência constantes, com o exercício heróico de todas as virtudes, com amorosa dedicação e solicitude infatigável por todas as almas, e com uma entrega contínua e incondicionada à Vontade de Deus, Mons. Josemaría Escrivá impulsionou e dirigiu a expansão do Opus Dei por todo o mundo. Quando entregou a alma a Deus, o Opus Dei estava estendido pelos cinco continentes, e contava com mais de 60 000 membros, de 80 nacionalidades, ao serviço da Igreja, com o mesmo espírito de plena união e veneração ao Papa e aos Bispos, que sempre viveu o Venerável Servo de Deus Josemaría Escrivá.

A Santa Missa era a raiz e o centro da sua vida interior. O sentido profundo da sua filiação divina, vivido numa contínua presença de Deus Uno e Trino, levava-o a procurar em tudo a mais completa identificação com Jesus Cristo, a uma devoção terna e forte a Nossa Senhora e a São José, a um trato habitual e confiado com os Santos Anjos da Guarda e a ser semeador de paz e alegria por todos os caminhos da terra.

Mons. Escrivá oferecera a sua vida, repetidas vezes, pela Igreja e pelo Pontífice Romano. O Senhor acolheu esta oferta e Mons. Escrivá entregou santamente a alma a Deus, em Roma, no dia 26 de Junho de 1975, no seu quarto de trabalho.

O seu corpo repousa na Cripta da Igreja Prelática de Santa Maria da Paz — Viale Bruno Buozzi 75, Roma —, acompanhado continuamente pela oração e o agradecimento das suas filhas e filhos e de inúmeras pessoas que se aproximaram de Deus, atraídas pelo exemplo e ensinamentos do Fundador do Opus Dei. A causa de canonização de Mons. Escrivá foi introduzida em Roma, no dia 19 de Fevereiro de 1981. O Santo Padre João Paulo II declarou a heroicidade das virtudes cristãs do Venerável Servo de Deus em 9 de Abril de 1990.

Capa: Mons. Escrivá, num acto académico na sua qualidade de Grão-Chanceler da Universidade de Navarra, Pamplona (Espanha), a 9-V-1974.

Universidade de Navarra
Servicio de Bibliotecas

Modelo de heroísmo

O decreto pontifício que proclama as virtudes heróicas do Venerável Josemaría Escrivá de Balaguer é um reconhecimento solene da exemplaridade da sua vida e constitui um convite a imitar a sua entrega a Deus, sem condições.

Os aspectos mais destacados no exemplo e nos ensinamentos do Fundador do Opus Dei estão em conexão com o próprio núcleo da sua missão eclesial: recordar com um vigor absolutamente singular — como indica o decreto —, a realidade da chamada universal à santidade. E, de acordo com a universalidade dessa mensagem, mostrar como toda a trama das realidades humanas, e particularmente o trabalho profissional, se pode converter em lugar e meio de santificação, matéria animada pela vida sobrenatural e âmbito do seu desenvolvimento.

Mons. Escrivá anunciou que, pelo poder transformador da graça que emana da Encarnação do Verbo, o cristão pode realizar o seu encontro com Cristo no cumprimento amoroso das tarefas habituais da vida quotidiana. **Abriram-se os caminhos divinos da terra**¹, afirmava com força. Graças ao seu trabalho sacerdotal, a plenitude da contemplação fez a sua irrupção no meio do mundo, enriquecendo de sentido sobrenatural a vida de inúmeros fiéis, de todas as condições.

O horizonte do zelo que queimava o coração do Venerável Josemaría Escrivá e o alcance da sua missão abriam-se à salvação de todo o mundo. Levar a Deus todas as almas e vivificar todas as realidades terrenas com o Espírito de Cristo: essa foi a tarefa que resume toda a sua vida. Perante as dificuldades de uma sociedade que parece envolta em trevas, o Fundador do Opus Dei moveu homens e mulheres dos cinco continentes a compreender a grandeza da vocação cristã.

Mons. Escrivá sublinhou a primazia, na actividade do cristão, da economia sacramental e da vida interior pessoal de oração e de penitência. E, ao mostrar a conexão do dinamismo natural próprio do actuar humano com o da graça, deixou ficar claro que a existência cristã não se pode reduzir a um conjunto de devoções superficiais acrescentadas à actividade diária, mas se enxerta no decidido esforço para se unir com Cristo no desempenho da actividade quotidiana, e se converte assim no factor poderoso

de cristianização do mundo a partir de dentro: **se nós, os cristãos, vivêssemos realmente de acordo com a nossa fé, produzir-se-ia a maior revolução de todos os tempos**².

A trajectória da sua existência terrena desenvolveu-se num contexto histórico fortemente marcado pelo laicismo: do afirmar do ódio anti-religioso que caracterizou a sociedade espanhola dos anos trinta, ao difundir da indiferença religiosa, como modelo vital, em épocas posteriores. Nesse contexto, caracterizado por pressões que pareciam desvirtuar a fé, a resposta do Fundador do Opus Dei foi sempre a mesma, peremptória e essencial: **Estas crises mundiais são crises de santos**³.

Com a sua ajuda, milhões de pessoas descobriram a potência redentora da graça, força que pode transformar a vida de cada homem, dando vigor cristão ao ambiente onde se desenvolvem os seus esforços e se põe à prova a autenticidade dos seus ideais. Aprenderam a procurar o Senhor com todas as forças, descobrindo esse **algo divino**, essa chamada de Deus que está como que escondida nas circunstâncias mais correntes⁴; lutaram por **pôr Cristo no cume de todas as actividades humanas**⁵, comprovando a fecundidade do compromisso de santidade que nasce do Baptismo. Porque quando o cristão procura ter a **valentia de viver pública e constantemente de acordo com a nossa santa fé**⁶ eliminando qualquer diafragma entre as exigências da fé e o actuar quotidiano, então todas as suas obras se enchem de uma tensão para Deus que se comunica necessariamente à sua volta e actua na história: **Os que encontraram Cristo não podem fechar-se no seu ambiente: triste coisa seria esse empequenecimento! Têm de abrir-se em leque para chegar a todas as almas. Cada um deve criar — e alargar — um círculo de amigos, no qual influa com o seu prestígio profissional, com a sua conduta, com a sua amizade, procurando que Cristo influa por meio desse prestígio profissional, dessa conduta, dessa amizade**⁷.

O decreto destaca a actualidade *perene* desta mensagem, *destinada a perdurar de um modo inalterável para além das vicissitudes históricas, como fonte inesgotável de luz espiritual*. Em circunstâncias de grande dificuldade para a vida da Igreja, o Venerável Josemaría Escrivá ensinou, na sua heróica fidelidade a Cristo, que **não é a doutrina de Jesus que se deve adaptar aos tempos, mas são os tempos que se hão-de abrir à luz do Salvador**⁸. Ao recorrer à sua intercessão, peçamos pelo bem da Igreja e de toda a humanidade; que se torne cada dia mais efectivo esse empenho dos cristãos por amar a Deus e por servi-Lo na vida diária, recordando as palavras que num dia já longínquo o Senhor deixou gravadas na sua alma: **Obras é que são amores e não as boas palavras**⁹.

¹ Cristo que passa, n. 21.

² Sulco, n. 945.

³ Caminho, n. 301.

⁴ Cfr. Temas actuais do Cristianismo, n. 116.

⁵ Cfr. Cristo que passa, n. 156.

⁶ Sulco, n. 46.

⁷ Sulco, n. 193.

⁸ Carta, 28-III-1973, n. 4.

⁹ Caminho, n. 933.

XV Aniversário

O dia 26 de Junho de 1990, aniversário do falecimento de Mons. Josemaría Escrivá, foi recordado, pela primeira vez, com uma Missa de acção de graças à Santíssima Trindade pela recente proclamação das virtudes heróicas do Servo de Deus.

Milhares de fiéis de todas as idades e condições encheram catedrais e igrejas de centenas de cidades, nos cinco continentes: 8000 concentraram-se na Basílica de Guadalupe, no México; 6000 em Manila; 4500 em São Paulo; mais de 3000 na cidade de Guatemala, em Lima e em Santiago do Chile; 2500 em Lisboa e em Bogotá; 1500 em Paris, em Nova Iorque, em Boston e em São Francisco; mais de 1000 em Abidjan e Kinshasa; 800 em Nagasaki.

Inclusive em cidades onde os católicos são uma minoria, muitíssimos fiéis se reuniram para a Missa, como em Estocolmo, onde oficiou o Bispo, Mons. Huberto Brandenburg; Hong Kong, onde também esteve presente o Bispo, Cardeal João Baptista Wu Cheng-chung; ou em Singapura. Encheram-se também as igrejas em Taipé e Helsínquia, onde celebraram os Bispos Mons. José Wang Yu-jung e Mons. Paulo Verschuren. Igualmente houve Missas em cidades da Europa Oriental, como Budapeste, Praga, Brno, Varsóvia ou Stettin. Acompanhando os respectivos Bispos, duas mil pessoas participaram nas funções eucarísticas em territórios ensanguentados pela violência do terrorismo, como nas cidades peruanas de Ayacucho, Huancavelica e Abancay.

Em todo o mundo, teve lugar um testemunho espontâneo da vivacidade da mensagem do Fundador do Opus Dei, da força com que o seu exemplo arrasta as consciências, da difusão do apelo à sua intercessão junto de Deus.

Em todos os países, muitos representantes da Hierarquia eclesiástica, entre os quais numerosos Cardeais e Núncios Apostólicos junto das diversas nações, quiseram participar nessas celebrações, sublinhando com a sua presença o destaque para a vida da Igreja da figura do Venerável Servo de Deus.

Vários Cardeais assistiram à Missa celebrada em Roma por Mons. del Portillo, Prelado do Opus Dei. Em Nápoles, o Card. Miguel Giordano concelebrou com o seu antecessor, Card. Corrado Ursi, e quis sublinhar na homilia algumas consequências dos ensinamentos de Mons. Escrivá para a sociedade actual: *Transformemos o coração do homem, transformemos os nossos corações, e mudaremos o mundo*. Em Manila, presidiu à celebração o Card. Jaime Sin; em Washington o Card. Aloísio Hickey; em

São João de Porto Rico o Card. Luís Aponte Martínez; em Buenos Aires, perante 5000 pessoas, o Card. João Carlos Aramburu. Todos convidaram os presentes a rezar com fervor para que chegue depressa o dia da sua Beatificação, de modo que a Igreja se veja enriquecida com um testemunho de santidade especialmente actual e atraente

Em Caracas, o Card. José Alí Lebrún evocou com estas palavras o fundador do Opus Dei: *A sua figura tem, no mundo de hoje, uma importância especial, porque foi um homem cheio de amor. O mundo de hoje necessita desses testemunhos de amor, criadores de amor: isso vêm a ser os santos, as almas que seguiram de perto Jesus Cristo, como o Venerável Josemaría Escrivá.*

Entre as 100 Missas que se celebraram em Espanha, foram especialmente comovedoras aquelas que se oficiaram em lugares muito relacionados com a pessoa e o apostolado de Mons. Escrivá: Barbastro, onde celebrou o Bispo, Mons. Ambrósio Echebarría Arroita; Logronho, onde o Bispo, Mons. Ramón Búa, glosou alguns episódios dos anos vividos pelo Servo de Deus nessa cidade; Madrid e outras cidades. Em Valência, o Arcebispo, Mons. Miguel Roca Cabanellas, convidou os presentes a imitar o amor do Fundador do Opus Dei ao Sacramento da Penitência e a sua confiança na Santíssima Virgem.

Como em todos os anos, foi elemento comum em cada uma das Missas desse dia 26



26-6-1990: Roma. Missa de acção de graças na Basílica de Santo Eugénio.

de Junho, o grande número de pessoas que se aproximaram do Sacramento da Penitência: os confessores—eram mais de 20, por exemplo, na Basílica de Guadalupe—exerceram o seu ministério várias horas antes da cerimónia, e terminaram muitas horas depois.

A exemplaridade da vida de Mons. Escrivá, o seu testemunho de heroísmo e a actualidade da sua mensagem, foram temas em que se centraram as homilias pronunciadas por Arcebispos e Bispos nas latitudes mais diversas. No Canadá, o Arcebispo de Montreal, Mons. João Cláudio Turcotte, afirmou: *Papas, Cardeais, Bispos e pessoas comuns reconheceram que, marcado pelo amor e por um dom total de si mesmo, frequentemente ferido pela Cruz, Mons. Josemaría Escrivá se dedicou por inteiro à instauração do Reino de Deus por toda a terra.* No Peru, o Arcebispo de Piura, Mons. Oscar Cantuarias, disse: *O Servo de Deus fez o sacrifício de todos aqueles que no decorrer da história da humanidade pretenderam amar a Deus com todas as suas forças: dar a sua vida sem peso nem medida.* Também Mons. Heitor Henrique Santos, Arcebispo de Tegucigalpa (Honduras), afirmou que *a vida do Servo de Deus é um convite a todos nós, para que, seguindo os impulsos do Espírito Santo, nos disponhamos à nova evangelização a que nos chama o Santo Padre e que tem de começar pelas nossas vidas.*

Da necessidade de pedir à Santíssima Virgem os propósitos de santidade e de apostolado que a devoção privada ao Venerável Servo de Deus fomenta nas almas, falou o Arcebispo de Yaoundé, Mons. João Zoa, que quis recordar umas palavras pronunciadas por Mons. del Portillo na sua viagem pastoral aos Camarões: *Com a Santíssima Virgem, tudo podemos. Ela será a Rainha da vitória de Deus nas nossas almas e, depois, com a graça de Deus, em muitas outras almas que nos esperam.*

Modelo atraente de vida cristã: assim definiu Mons. Escrivá o Arcebispo de Monterrey, Mons. Adolfo Suárez Rivera, Presidente da Conferência Episcopal Mexicana. E o Card. Poletti, Vigário de Sua Santidade para a diocese de Roma, num jornal de grande difusão escreveu que a sua figura *se confirma como fonte de inspiração para todos os cristãos, necessitados de exemplos actuais e incisivos que os orientem para transformar as suas vidas num serviço fecundo a Deus e aos homens.* O Arcebispo de Port of Spain (Trindade), Mons. António Pantin, louvou a estreita união com o Papa e com a Hierarquia que o Fundador do Opus Dei pregou e praticou durante toda a sua vida. O Arcebispo de São Domingos, Mons. Nicolau de Jesus López Rodríguez, Vice-Presidente do Celam (Conferência Episcopal Latino-Americana), manifestou a emoção que experimentou ao rezar junto do seu túmulo. Muitos outros, entre eles o Bispo de Genebra, Mons. Amadeu Grab, e o Arcebispo de Maracaibo, Mons. Domingos Roa Pérez, agradeceram a Deus a fidelidade dos fiéis da Prelatura aos ensinamentos do Fundador e o seu generoso serviço à Igreja, em todas as dioceses onde trabalham.

Em treze cidades francesas, celebraram-se também Missas por este XV aniversário. Em Paris assistiram Mons. Rouet, Bispo Auxiliar, em representação do Cardeal Lustiger; e Mons. Tchouanga, Bispo de Abong M'Bang (Camarões).

Testemunhos sobre o Venerável Josemaría Escrivá de Balaguer

Ao conhecerem a vida de Mons. Escrivá, muitos fiéis descobrem um exemplo especialmente atraente de virtudes e um estímulo para viverem a sua vocação cristã, no meio das actividades diárias.

Na Postulação da Causa guarda-se um grande número de testemunhos que manifestam os frutos que o contacto com a figura do Venerável Servo de Deus deixa nas almas. Trata-se, às vezes, de pessoas que tiveram a possibilidade de se relacionarem com ele e que puderam apreciar directamente a extraordinária densidade da acção da graça no Fundador do Opus Dei, assim como a heroicidade da sua correspondência às solicitações divinas. Outras vezes são teólogos ou pastores que, depois de terem aprofundado nalgum aspecto da espiritualidade de Mons. Escrivá, quiseram sublinhar o seu alcance para a Igreja no mundo actual.

Entre esses abundantíssimos testemunhos, recolhemos aqui algumas recordações de eminentes eclesiásticos que conheceram o Servo de Deus em diversas épocas da sua vida.

Mons. GAETANO ALIBRANDI, Núncio Apostólico na Irlanda:

«Tive a sorte de me encontrar com Mons. Escrivá em 1966. Da sua cativante personalidade, conservo uma vivíssima recordação; impressionou-me a sua simplicidade, a agudeza da sua inteligência e o seu forte carácter [...].

Não creio exagerado afirmar que Mons. Escrivá é para o século vinte o que Francisco de Assis e Domingos de Gusmão foram para o século doze e Inácio de Loyola para o século dezasseis» (*Opus Dei: 50 Years of Service to the Church*, em «The Furrow», Dublin XII-1978).

Mons. GIACOMO BARABINO, Bispo de Bobbio:

«Tive a oportunidade e a graça de conhecer pessoalmente Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás, Fundador do Opus Dei. Para mim, cada encontro com ele foi sempre uma grande fonte de riqueza espiritual, de alento, de edificação e de renovação.

Era uma alma cheia de Deus, sempre jovem, entusiasta. O seu amor à Igreja e ao Papa era singular, característico e irreprimível; contagiava todos os que dele se aproximavam; o sofrimento da Igreja era o seu sofrimento, a dor do Papa era a sua agonia. Se tivesse vivido em tempos de perseguição, seria o mais feliz dos homens se o Senhor o tivesse chamado a testemunhar com a vida a sua fidelidade à Igreja e ao Papa. Era comovente a sua devoção a Nossa Senhora e à Eucaristia. Tudo isto enchia a sua alma e na sua vida não havia lugar para outra coisa. Incandescente, incendiava todos e *queimava quantos dele se aproximavam*» (AGP, RHF P-08341, Carta ao Santo Padre, Bobbio 27-II-1976).

D. MANUEL FERREIRA CABRAL, Bispo Auxiliar de Braga:

«Do alcance e do valor da sua pregação são testemunhas os Bispos que o escutaram nas suas Dioceses e em Roma, por ocasião do Concílio Vaticano II. Alma inflamada



Em Roma, a 31-3-1972.

de apóstolo convencido e transparente, convencia todos com a sua doutrina e com a *santidade que dele irradiava* [...].

Tive a sorte de conhecer Mons. Escrivá em Roma em 1965» (AGP, RHF P-06555, Carta ao Santo Padre, Braga 25-XI-1975).

Card. JOSÉ MARIA BUENO Y MONREAL, Arcebispo de Sevilha:

«A imagem de Josemaría que me ficou gravada é a de um sacerdote extraordinário, fora do habitual. Estava totalmente entregue à tarefa que Deus lhe tinha confiado. Apercebia-me da profundidade e da força com que tinha presente a santificação dos leigos. Promovia, com toda a alegria de que era capaz, a santidade de todos os que encontrava no seu caminho [...].

O Padre já então me falava com grande clareza — nos anos quarenta —, daquilo que depois foi recolhido pelo Concílio Vaticano II na “*Lumen Gentium*” e na “*Apostolicam Actuositatem*”, e que veio a ser doutrina comum. Tinha já claramente perfilada uma sólida espiritualidade laical; o que devia ser a santidade do leigo no meio do mundo. A clareza das suas ideias fazia com que tivessem grande força de persuasão. Não eram só coisas que ele via com nitidez; lograva que o entendessem perfeitamente e que inclusive chegassem a comprometer a sua vida naquele empenho, homens e mulheres de todas as idades e condições, desde intelectuais a trabalhadores manuais.

Josemaría tinha uma grande humildade [...]. Fugia do que, depois, durante o Concílio, designávamos de “triumfalismo”. Como o fermento escondido que desaparece na massa, assim era ele, e assim queria que fossem os que o seguiam [...]. Falava com naturalidade e simplicidade e, quando o escutávamos, descobria-se que indubi-

tavelmente estava a fazer um importante trabalho; novo, muito novo [...].

Estou convencido de que vivia as virtudes sobrenaturais em grau heróico, mas na minha lembrança ficaram gravados os gestos humanos que lhe serviam de veículo: era uma verdadeira lição de vida que, em mim — e suponho que em inúmeros amigos e filhos seus —, deixaram uma profunda marca [...].

Alguns homens de Deus com que nos relacionámos na sua vida, ou cujos feitos nos são conhecidos pela hagiografia, parecem-nos tão metidos na sua missão e em Deus, e com tal cúmulo de virtudes, que basta a sua presença ou recordação para nos obrigar a entrar num âmbito transcendente; são pessoas que criam à sua volta uma especial tensão espiritual em que o mais inesperado ou diferente parece normal. O Padre, pela sua grande humanidade, pela sua arrebatadora simpatia e o seu bom humor, pela compreensão e



Em Altoclaro (Venezuela), a 8-2-1975.

carinho que manifestava no relacionamento com todos, com um respeito delicadíssimo pelos outros, pelo conjunto de virtudes humanas que vivia e o tornavam humaníssimo, disfarçava, de algum modo, essa real distância, a que verdadeiramente se encontrava, do seu interlocutor» (AGP, RHF T-06181, Sevilha 21-XI-1977).

Card. JOHN PATRICK CODY, Arcebispo de Chicago:

«Tive o privilégio de o conhecer em Roma, no início dos anos cinquenta, por ocasião da consagração episcopal do meu querido amigo o Card. Ferretto. Já tinha então fama de ser *um sacerdote santo*, com uma grande devoção a Nosso Senhor e à sua Santíssima Mãe, e de ter um grande amor à Igreja, à Santa Sé e à Hierarquia [...].

O amor de Mons. Escrivá para com o sacerdócio constituirá um magnífico exemplo para muitos sacerdotes, que lutam por viver santamente neste mundo cheio de confusão. E, o seu amor e preocupação pelos jovens constituirão um impulso fortíssimo para a gente nova do mundo inteiro, a esperança da Igreja» (AGP, RHF P-08884, Carta ao Santo Padre, Chicago 15-XII-1978).

Mons. FRANCISCO DE GURUCEAGA ITURRIZA, Bispo de La Guaira:

«Conheci pessoalmente Mons. Escrivá em Roma em 1955. Atribuo a uma graça especial do Céu ter podido relacionar-me com esse homem tão de Deus, com esse sacerdote verdadeiramente exemplar. Ele foi sempre para mim um autêntico Pai, cheio de bondade: pelo seu carinho abnegado e pela sua permanente solicitude pelo bem da minha alma; pelo seu animoso alento e os seus sábios e oportunos conselhos. Foi ele que me fez escutar com clareza a chamada do Senhor que me convidava a segui-Lo no sacerdócio. E foi ele quem me prestou sempre o seu apoio firme para perseverar neste ideal [...].

Mons. Escrivá praticava o que pregava e desviava-se pelas almas com uma generosidade sem limites. Eu próprio o verifiquei e beneficiei do seu zelo de Bom Pastor em ocasiões que não posso recordar sem emoção e agradecimento. Posso dar fé de que Mons. Escrivá *viveu heroicamente as virtudes cristãs*. Era uma alma contemplativa no meio do mundo, que fazia da filiação divina o fundamento da piedade e de toda a sua vida. Era um sacerdote que se consumia no zelo por salvar todas as almas» (AGP, RHF P-02876, Carta ao Santo Padre, La Guaira 20-VII-1975).

Mons. JOSÉ MARIA GARCÍA LAHIGUERA, Arcebispo de Valência:

«Na relação que tive com Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás, durante mais de quarenta anos, alicerçou-se no meu espírito uma profunda convicção da *eminente santidade da sua vida e das heróicas virtudes que adornaram essa alma egrégia* [...].

Volto agora a dar graças a Deus Nosso Senhor, como o fiz em tantas ocasiões, pelos muitos bens que implicou para a minha alma esse frequente contacto com o Fundador do Opus Dei [...].

Quero sublinhar a sua simplicidade, a sua naturalidade; não era uma alma complicada, mas simples, rectilínea. Uma alma com ânsias grandes de santidade e de perfeição, que procurava com todas as suas forças a união com Deus [...]. Era de uma grande delicadeza em toda a sua vida interior, inteiramente enamorado da sua vocação [...].

Parece-me que há uma particular grandeza no facto de Mons. Escrivá ter feito tudo o que fez — e sofrido como sofreu — com uma naturalidade absoluta, como se não lhe custasse esforço, vivendo ele, com um heroísmo escondido e silencioso, o que é o núcleo fundamental da mensagem do Opus Dei para milhões de pessoas: a santificação da vida diária, dos pormenores mais pequenos de cada dia. Na vida do Padre esconde-se uma profunda humildade, humildade que não necessita de gestos exteriores ou de determinadas atitudes: até essa virtude fundamental foi vivida por Mons. Escrivá com naturalidade [...].

Mons. Escrivá punha nas suas palavras e nas suas acções, com caridade para com todos, todo o amor e carinho de um pai, e de um bom pai. Esse apelativo, *o Padre*, com que os seus filhos e tantas outras almas nos dirigíamos a ele, cabe-lhe com toda a justiça: era Fundador, mas era sobretudo Pai. Como os seus filhos se têm de sentir orgulhosos por ter tão grande Padre! Esta paternidade de Mons. Escrivá sempre me comoveu; constituía como que o selo da missão que Deus Nosso Senhor lhe havia confiado [...].

Em todas estas conversas a que me referi, se reforçava cada vez mais a convicção de me encontrar diante de *um homem completo, perfeito*; porque era ponderado, sabia escutar; era compreensivo e tinha uma grande rectidão de juízo em todas as coisas, focando-as com elevada visão sobrenatural [...]. Sentia-se a seu lado a vibração do eterno, do transcendente; estando com ele de algum modo participava-se da sua fé sem falhas, da sua absoluta confiança no nosso Pai-Deus, participando do seu profundíssimo sentido da filiação divina. Esta impressão, difícil de explicar, mas real e profunda, tive-a inúmeras vezes [...].

Mons. Escrivá tratava Nosso Senhor Jesus Cristo como a um grande Amigo, com aquele seu coração em que ficava tão perfeitamente conjugado o divino com o humano. E esta última consideração leva-me a resumir tudo o que disse, afirmando que o Padre era um enamorado de Jesus Cristo, e contemplando a sua vida, como a conheci ao longo de tantos anos, mais de quarenta, posso terminar dizendo — em tudo me submetendo ao juízo da Igreja — que *Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás foi um santo*» (AGP, RHF T-04390, Madrid 23-VIII-1976).

Card. FRANZ HENGSBACH, Bispo de Essen:

«Desde o meu primeiro encontro pessoal com Mons. Escrivá tive a consciência clara da importância da sua extraordinária personalidade. A partir de então, não perdi nenhuma oportunidade para o ir ver, nas minhas estadias em Roma [...].

Viveu em grau heróico as virtudes cristãs e humanas [...]. Não tinha nenhuma conversa, nenhum gesto, nenhuma iniciativa, nada, que não fosse *eo ipso* catequese e apostolado [...]. E não houve nenhum encontro, nenhuma conversa com ele, que não



Durante uma tertúlia, a 8-7-1974, em Tabancura (Chile).



Natal de 1974, na Sede Central do Opus Dei (Roma).

me tivesse dado novo ânimo, maior amor ao Senhor e à Igreja, e maior força na fé [...].

Há provavelmente poucas personalidades da história da Igreja — especialmente hoje em dia — cuja importância para a Igreja tenha sido tão universal, tão católica e tão eminentemente actual como a de Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer» (AGP, RHF P-04088, Carta ao Santo Padre, Essen 8-IX-1975).

Card. MIGUEL DARÍO MIRANDA, Arcebispo de Cidade do México e Primaz do México:

«Desde o primeiro encontro que tivemos com Mons. Escrivá, em princípios de 1959 [...], fomos conscientes de que o Senhor nos oferecia, com esse facto, uma feliz oportunidade para a nossa vida espiritual. As visitas que no cumprimento do nosso ministério episcopal gostosamente devíamos fazer ao Romano Pontífice, ofereceram-nos igualmente a oportunidade de visitar com frequência o Fundador do Opus Dei [...].

Pudemos descobrir no Fundador do Opus Dei *uma alma especialmente favorecida por Deus com graças singularíssimas* [...].

Essa amizade que nos uniu para sempre propiciou a descoberta de campos novos para a nossa actividade, todos eles inspirados num genuíno espírito apostólico; e, ao mesmo tempo, proporcionou-nos uma alentadora confirmação dos nossos trabalhos pastorais. Especial importância teve para nós a ideia que Monsenhor Escrivá de Balaguer tinha da formação cristã, plena e integral, e que veio resolver uma das nossas grandes inquietações no campo do apostolado com os leigos [...].

Os que tivemos a graça de conhecer Mons. Escrivá e de lidar com ele em múltiplas ocasiões, sentindo o calor da sua amizade sincera e da sua exemplar entrega à Igreja

até ao momento em que — com fama de santidade — Deus o chamou à sua presença [...], não podemos deixar de agradecer ao Senhor esta demonstração palpável do seu amor pela Igreja» (*Una amistad que nos unió para siempre*, em «El Imparcial», Hermsillo 16-VI-1979).

Mons. SANTOS MORO BRIZ, Bispo demissionário de Ávila:

«Conheci Mons. Escrivá no início dos anos trinta em Madrid [...]. Tanto a primeira impressão como as relações posteriores com ele, levaram-me a reparar em que era um homem a quem o Senhor havia enriquecido com especialíssimos e singulares carismas, a que tinha sabido corresponder com uma generosidade admirável [...].

Desde então adquiri a convicção — corroborada em mil ocasiões mais — de que o Fundador do Opus Dei agia segundo o querer de Deus, vivendo sempre na sua presença: era o *vivit Deo* de que fala São Paulo na sua Epístola aos Romanos [...]. Recordo também dessa época a confiança que em Mons. Escrivá depositavam outros Prelados, como D. Leopoldo Eijo, D. Xavier Lauzurica, D. Marcelino Olaechea, D. Casimiro Morcillo...» (AGP, RHF T-04392, Santibáñez de Béjar 15-IX-1976).

Mons. THOMAS WILLIAM MULDOON, Bispo Auxiliar de Sydney:

«Foi um sinal excepcional dos nossos tempos. Foi um homem para todos, *um homem para todas as estações*. A sua luz brilhou magnificamente num mundo de escuridão. Numa palavra, foi um homem à medida do Coração do Santo Padre. Foi *omnia omnibus*, tudo para todos os homens» (AGP, RHF P-00193, Carta ao Santo Padre, Sidney 14-VII-1975).

Card. PIETRO PALAZZINI:

«Pude comprovar, nas minhas prolongadas conversas com Mons. Escrivá, que *toda a sua vida foi um hino às virtudes teológicas* [...]. A unção com que dizia estas coisas dava claramente a entender que tudo aquilo era fruto de uma experiência intimamente vivida e amadurecida durante anos e anos [...].

Mons. Escrivá é um exemplo fascinante do homem que procurou o caminho da santidade, aprofundando aqueles valores rectos que o nosso tempo especialmente aprecia [...]. A paz, a justiça, a liberdade, o respeito pela dignidade da pessoa humana, são os temas mais actuais da nossa sociedade, do nosso tempo. A maior parte das vezes, no entanto, quando não se reduzem a retórica vazia, são temas ofuscados e corroídos por muitos preconceitos, paixões, falsificações. O exemplo de Mons. Escrivá, toda a sua vida e a sua grandiosa obra constituem um magnífico testemunho de como estes valores devem ser entendidos e inteiramente vividos, até ao fundo, por um cristão» (AGP, RHF P-00862, Carta ao Santo Padre, Roma VIII-1975).

Mons. JOHANNES POHLSCHNEIDER, Bispo de Aix-la-Chapelle:

«Nos últimos vinte anos recolhi impressões inolvidáveis dos numerosos encontros que tive com esta personalidade sacerdotal, verdadeiramente única. Pareceu-me, sempre que nos encontrámos, *um homem extraordinário, dotado de altíssimas qualidades de espírito*. Mas ainda mais fortes do que a capacidade da sua inteligência eram os impulsos que dimanavam do seu coração [...].



19-11-1972, em Valência (Espanha).

Essa *latitudo cordis* era a característica essencial deste sacerdote. Amava os homens no sentido mais autêntico da palavra, preocupava-se por eles, atendia-os. Quando manifestava a sua preocupação apostólica pela salvação das almas, então quase parecia que vibrava não só o seu coração, mas ainda todo o seu corpo. Não tinha limites o seu zelo pelas almas. Não se detinha nem perante as populações, nações ou continentes. E sempre pensava no bem do homem, na sua integridade: no bem terreno, mas sobretudo na salvação eterna. O seu pensamento estava sempre ancorado no sobrenatural. A fé católica era a fonte inextinguível da sua força» (*Mmgr. Escrivá de Balaguer y Albás. Eindrücke mit dem Opus-Dei-Gründer*, em «Deutsche Tagespost», Würzburg 11/12-VII-1975).

Mons. LUIS SÁNCHEZ-MORENO LIRA, Bispo-Prelado de Yauyos:

«Quanto agradeço agora a Deus a imensa dita de ter conhecido o Padre — como lhe chamávamos muitos — desde 1950, de ter estado com ele numa infinidade de ocasiões, quer pessoalmente, quer por correspondência [...]. Em todo este tempo, se fortaleceu em mim a convicção de encontrar-me perante uma figura humana egrégia — de “forjador do mundo contemporâneo” o qualificou um profissional da história —, e sobretudo perante *um sacerdote santo* que amava apaixonadamente Deus e por Ele todas as almas [...].

Pude verificar muitas vezes — e agradeço-o vivamente ao Senhor — o exemplo constante da sua vida santa, da sua absoluta entrega a Deus, da sua preocupação por todas as almas, do seu ardente zelo sacerdotal [...].

Mons. Escrivá foi um homem com uma vida interior extraordinária» (AGP, RHF P-00406, Carta ao Santo Padre, Cañete 12-VIII-1975).

Escrevem-nos

DECIDIU BAPTIZAR-SE

A minha sogra chamou-nos para que fôssemos imediatamente ao hospital, pois o meu sogro estava gravemente doente: falharam-lhe o coração e os rins e tinha uma pneumonia. Fomos imediatamente vê-lo e a única coisa que pude fazer foi dizer-lhe que rezaríamos por ele e pedir-lhe que também rezasse.

Seria preciso conhecer o meu sogro para apreciar a grandeza deste favor. Era um homem bom, com uma vontade de ferro e muito teimoso; não aceitava nunca que se lhe falasse de Deus, nem de oração, nem da vida depois da morte. Assim, quando lhe pedi que rezasse, a sua reacção foi totalmente negativa, a ponto que tive de desistir por temor a que se agitasse mais e piorasse. O meu sogro não estava baptizado, nem de modo algum queria ouvir falar deste tema.

O meu marido e eu estávamos muito preocupados, porque sabíamos que a sua situação era grave e que, a menos que sucedesse um milagre, lhe restaria pouco tempo de vida.

Pedi a algumas amigas que me ajudassem a rezar, e recorri intensamente à intercessão da Santíssima Virgem e de Mons. Escrivá.

A situação começou a piorar. O meu marido e eu fomos ao hospital e, antes de entrar no quarto do meu sogro, rezámos juntos a oração para a devoção privada com muita fé.

Abirei-me dele e, quando lhe perguntei como se encontrava, inesperadamente disse-me: “estive toda a noite a rezar”. Em face disto disse-lhe: “quer baptizar-se?”, por ser essa a minha grande preocupação, e perante a surpresa de todos respondeu: “sim, baptiza-me”. Não podia acreditar. Saí imediatamente à procura de um sacerdote; quando o encontrei expliquei-lhe a situação e respondeu-me que o doente tinha de querer baptizar-se livremente. Ao chegar voltou a perguntar-lhe e a resposta foi novamente afirmativa; pediu água e baptizou-o.

Não podíamos conter a nossa alegria e o agradecimento a Mons. Escrivá por este favor que nos afectou profundamente. Rezo para que a graça da sua conversão possa beneficiar muitas outras pessoas.

C.M., Santo Anselmo (Estados Unidos), 14-III-1990

DESAPARECEU A DOENÇA

Tinha o meu filho muito doente. Dizia-me que sentia dores nas costas, não tinha forças para trabalhar, não tinha apetite e emagrecia de dia para dia. Foi ao médico e fez o tratamento que ele mandou, mas no fim sentia-se na mesma doente. Voltou ao médico, ele aconselhou-o a ir a um especialista, igual tratamento e no fim melhoras nenhuma. Era Abril, já se tinham passado seis meses que ele andava assim; já tinha emagrecido 5 quilos. Então, uma senhora amiga que ia sempre saber se ele estava melhor disse para mim: Tenho aqui um Boletim, que tem uma oração para a devoção privada, que se reza a Mons. Escrivá de Balaguer durante 9 dias, que vamos rezar; eu também rezo. Principiámos no sábado de Ramos e terminámos no dia de Páscoa. Com muita fé

pedimos a Mons. Escrivá de Balaguer para pedir a Deus Nosso Senhor para dar saúde a meu filho. Em Maio, o meu filho já se sentia melhor e veio outra vez ao médico e ele disse-lhe que ele estava bom. Podia fazer uma vida normal como qualquer outra pessoa, até podia ir à praia; os médicos tinham-no proibido disso. Agradeço a Nosso Senhor a graça que recebi por intermédio de Mons. Escrivá de Balaguer.

N. M., Lousada (Portugal), 20-VII-1990

VOLTOU AO LAR

Há quatro anos que o meu marido me deixou por causa de outra mulher e eu, com três filhos a meu cargo, sofri muito. Rezei sempre, mas não via um raio de luz. Há pouco tempo uma senhora deu-me uma pagela de Mons. Escrivá e disse-me que fizesse uma novena. Imediatamente senti uma grande paz e uma voz que me dizia que tudo iria bem.

Rezei a oração, devo dizer, sem muita fé, porque — como já antes disse — tinha rezado muito sem nada conseguir. No fim da novena, o meu marido telefonou aos meus filhos a pedir que lhe perdoassem e dizendo que queria falar comigo, porque tinha compreendido — foram as suas palavras — que não havia nenhuma outra mulher como eu. Estou feliz e perdoar-lhe-ei. Agradeço ao Fundador do Opus Dei este grande favor e continuarei a rezar.

L. R. (Itália), 22-II-1990

COMEÇOU A VER

Há já algum tempo pedia a Deus por intercessão de Mons. Escrivá as melhoras, pois tinha tido um princípio de trombose na vista esquerda, que me tinha deixado sem ver, e da vista direita também já não vejo desde há alguns anos devido a uma catarata por pancada, até que uma noite, com muita devoção, pedi a Josemaría que me melhorasse a vista esquerda, para que ao menos pudesse andar pelos meus meios; durante a noite levantei-me várias vezes para ver se tinha melhorado, mas tudo tinha ficado na mesma, até que de manhã pus os óculos e milagrosamente consegui ler. Não estou cem por cento curado, mas até já consigo guiar e ler o jornal todos os dias.

A. M. S., Oeiras (Portugal), 1-V-1990

NÃO NECESSITOU SER OPERADA

Minha filha encontrava-se muito mal da garganta: muita febre, caroços, etc., etc.; os médicos disseram-lhe que procurasse um bom especialista; foi a Coimbra, e por indicação do médico fez análises em Coimbra e no estrangeiro; tanto lá como cá, acusou uma das glândulas da tiróide paralisada e não sei que mais; talvez tivesse que ser operada. Minha irmã, e madrinha dela, pediu ao pároco da nossa freguesia que pedisse a Deus por ela. Ele, como a viu tão aflita, deu-lhe duas pagelas com a fotografia de Mons. Josemaría e disse-lhe que pedíssemos com muita fé e para rezar a oração que vinha na dita pagela. Muitos tratamentos e agora novas análises que, com muita alegria, já não acusaram nada.

M. F. M., Mangualde (Portugal), 20-VI-1990

Os originais destes relatos, com os nomes e direcções dos que nos escrevem, conservam-se no Arquivo de Postulação da Causa.

Obras publicadas de Mons. Escrivá de Balaguer

Caminho

“Monsenhor Escrivá de Balaguer escreveu algo mais do que uma obra-prima: escreveu inspirando-se no seu próprio coração, e ao coração chegam directamente também os breves parágrafos que formam CAMINHO...” (*L'Osservatore Romano*, 24-III-1950).

A primeira edição deste livro é de 1934, com o título de *Consideraciones Espirituales*. Hoje são já 236 edições, em 38 idiomas, com 3 596 222 exemplares*.

Santo Rosário

Livro de meditações sobre cada um dos quinze mistérios da vida de Cristo, que se contemplam ao rezar o Santo Rosário.

A primeira edição publicou-se também em 1934. Desde então apareceram 89 edições, em 18 idiomas, e 573 369 exemplares*.

Temas actuais do cristianismo

Mons. Escrivá responde, por escrito, às perguntas formuladas por várias revistas e jornais de diferentes países.

A primeira edição é de 1968. Publicaram-se 46 edições, em 7 idiomas, com 308 820 exemplares*.

Cristo que passa

O livro recolhe algumas homilias, que constituem uma profunda e sugestiva exposição da doutrina e da vida cristã. Prólogo escrito por Mons. Alvaro del Portillo, actual Prelado do Opus Dei.

A primeira edição é de Março de 1973. Surgiram já 63 edições, em 11 idiomas, com 393 961 exemplares*.

Amigos de Deus

Colectânea de outras 18 homilias, nas quais o autor tomou as virtudes cristãs como fio condutor do seu colóquio de amizade filial com Deus. Prólogo escrito por Mons. Alvaro del Portillo.

Foi publicado em 1977, contando-se já com 42 edições, em 7 idiomas, com 296 531 exemplares*.

La Abadesa de las Huelgas

Um penetrante estudo teológico-jurídico, realizado a partir das fontes e documentos sobre o caso extraordinário de jurisdição quase-episcopal por parte da abadessa do famoso mosteiro de Burgos.

A primeira edição foi publicada em 1944. A segunda data de 1974. Publicou-se uma terceira edição em 1988.

Via-Sacra

Obra de Monsenhor Escrivá, fruto da sua contemplação das cenas da Paixão do Senhor.

A primeira edição publicou-se em Fevereiro de 1981. Surgiram já 44 edições, em 10 idiomas, com 306 209 exemplares*.

Sulco

“Do mesmo modo que *Caminho* (...), *Sulco* é fruto da vida interior e da experiência de almas de Mons. Escrivá” (Do prólogo de Mons. Alvaro del Portillo).

A primeira edição publicou-se em Outubro de 1986. Surgiram já 26 edições, em 7 idiomas, e 281 237 exemplares*.

Forja

A última obra publicada, *Forja*, “é um livro de fogo, cuja leitura e meditação pode meter muitas almas na frágua do Amor divino e inflamá-las em afãs de santidade e de apostolado, porque este era o desejo de Mons. Escrivá” (Do Prólogo de Mons. Alvaro del Portillo).

A primeira edição publicou-se em Outubro de 1987. Fizeram-se 19 edições, em 6 idiomas, e 256 657 exemplares*.

*Editados em português. Pedidos às livrarias.

ORAÇÃO

para a devoção privada

Ó Deus, que concedestes graças inumeráveis ao vosso servo Josemaría, sacerdote, escolhendo-o como instrumento fidelíssimo para fundar o Opus Dei, caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres quotidianos do cristão, fazei com que eu saiba também converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar e de servir, com alegria e com simplicidade, a Igreja, o Pontífice Romano e as almas, iluminando os caminhos da terra com a luz da fé e do amor. Dignai-Vos glorificar o vosso servo Josemaría, e concedei-me por sua intercessão o favor que Vos peço... (peça-se) Ámen.

Pai-nosso, Ave-Maria, Glória.

Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que com este *Boletim Informativo* em nada se pretende antecipar o juízo da Autoridade eclesiástica, e que esta oração não tem nenhuma finalidade de culto público.

Agradecemos as numerosíssimas cartas que nos chegam. São testemunho da devoção privada com que tantas pessoas, em todo o mundo, rezam a Deus Nosso Senhor pela intercessão de Mons. Escrivá de Balaguer. Neste *Boletim Informativo*, reproduzimos apenas, por exigências de espaço, parágrafos de algumas, que referem acontecimentos importantes ou episódios simples.

Também agradecemos, na impossibilidade de o fazer nominalmente, as esmolas que nos enviam para colaborar nas despesas da edição e distribuição deste *Boletim Informativo*, e para ajudar o desenvolvimento das obras apostólicas promovidas pelo amor às almas de Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer.

Este *Boletim Informativo* distribui-se gratuitamente. Os que desejarem ajudar, com as suas esmolas, aos custos da edição e envio desta publicação, podem enviar esses donativos à *Vice-Postulação do Opus Dei em Portugal*, Campo Grande, 193, 1700 LISBOA; ou, então, por transferência bancária, para a conta D.O.210/78730, do Banco Nacional Ultramarino, Arco do Cego, 1000 LISBOA.

Agradecemos o envio do nome e morada de pessoas a quem possa interessar receber este *Boletim Informativo*, ou memórias com a oração para a devoção privada.